

## Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho (1933-1985) Missionária Agostiniana Recoleta



A “Irmã Cleusa” nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, ES, Brasil, no dia 12 de novembro de 1933, cidade onde passou sua infância e juventude. Ao concluir o Curso de Magistério, foi condecorada com a medalha de melhor aluna do colégio e recebeu do Governo do Estado, o prêmio de poder trabalhar como professora sem fazer a prova de concurso. É precisamente neste momento que a jovem Cleusa faz a opção de deixar tudo e ingressar na Vida Religiosa. Conversa com os padres Agostinianos de sua cidade e depois de receber o Sacramento da Confirmação, ingressa na Congregação das Missionárias Agostinianas Recoletas.

Com apenas 20 anos de idade, emite os votos religiosos e, cinco meses depois – em março de 1954 – é enviada à Missão de Lábrea, no interior do Amazonas. Ali, juntamente com três outras religiosas, trabalha na Educação, na Catequese, no atendimento ao povo em suas inúmeras necessidades... Experimenta as dificuldades do clima, do isolamento, das distâncias, da falta do necessário... Frente a estes e tantos outros desafios, Cleusa sempre tem um sorriso e uma palavra de confiança em Deus de que a missão daria certo. Depois de alguns anos na missão é enviada a cidade de Colatina, Espírito Santo, onde emite os votos perpétuos e posteriormente à Vitória, capital, para trabalhar no Colégio Agostiniano que está iniciando. Nesta época faz o Curso de Letras Anglo-Germânicas na Universidade Federal do Espírito Santo; participa da coordenação da JUC (Juventude Universitária Católica) e novamente é homenageada como a melhor aluna.

Daí em diante, Vitória, Manaus e Lábrea são os lugares onde Cleusa vive sua doação a serviço do Reino. Fiel aos seus compromissos, tanto de professora, diretora do Agostiniano (Vitória) e do Educandário “Santa Rita” (Lábrea) como nos serviços às paróquias e CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) Cleusa concilia o tempo para marcar presença entre os mais necessitados. Em Vitória visita com muita frequência o Hospital com a finalidade de descobrir enfermos estrangeiros, para ver se precisam de algo, ou simplesmente para conversar, a fim de que não se sentissem sós. Falava o Inglês, francês, italiano, espanhol e um pouco de alemão o que lhe permitia confortar os doentes de outros países. Em Manaus dá atenção aos menores de rua, drogados, presos... Numa de suas cartas diz: **“Dia de Natal e de Ano Novo tive a companhia de alguns garotos, liberados da Delegacia de Menores. Até ajudaram a limpar a Igreja; fizemos festa juntos à noite. Uma**

**experiência interessante: partilhar com os pequenos marginais, sentir-se irmã realmente deles, ouvi-los, compreendê-los. Depois disto voltaram à prisão várias vezes, mas sabem que contam com a gente...”** Em outra ocasião fala: **Cristo é o ofendido, o marginalizado, perseguido na pessoa do MENOR novamente exposto à fome e outros danos piores...”**

Em 1979 retorna à Lábrea pela terceira vez, onde seria martirizada. Assume a direção do Educandário “Santa Rita” e reassume os trabalhos junto aos seus preferidos, os empobrecidos. Logo ao chegar escreve: “Enquanto aguardamos a vinda de outras irmãs, vamos entrando em contato com a nova realidade de vida e ação. Estivemos visitando os poucos índios que ainda restam do grupo próximo, de Apuriná: de novembro para cá morreram sete. Resta só seis. Alguns ainda adoentados... estive na delegacia com os presos e fomos, mais tarde, ver os leprosos e assistir a reunião da Comunidade da Praia de Lábrea”.

Cleusa tinha especial predileção pelos índios. Sempre quis dedicar-se a eles mais de perto, por considerá-los os mais esquecidos, abandonados e explorados, e, portanto os mais pobres entre os pobres. Ela mesma, dias antes de ser assassinada, encerra um relatório para o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) com as seguintes palavras: **“COMPROMETER-SE COM O ÍNDIO, O MAIS POBRE DESPREZADO E EXPLORADO É ASSUMIR FIRME A CAMINHADA, CONFIANTE NUM FUTURO CERTO E QUE JÁ VAI SE TORNANDO PRESENTE NAS PEQUENAS LUTAS E VITÓRIAS, RECONHECIMENTO DOS PRÓPRIOS VALORES E DIREITOS, BUSCA DE UNIÃO E AUTODETERMINAÇÃO. VALE ARRISCAR-SE!”**. (Abril de 1985)

## **O COMPROMISSO RADICAL**

A questão indígena acompanha as reflexões da Igreja de Lábrea em suas sucessivas Assembléias de Pastoral. Em 1982 a Pastoral Indigenista é assumida como uma das prioridades da Prelazia. Cleusa se oferece para atuar aí, e no ano seguinte fica liberada para o trabalho com os índios, exercendo também a função de Coordenadora do Sub-regional Purus, do CIMI Norte I.

Desde que retornara à Lábrea em 1979, a presença de Cleusa entre os indígenas é muito marcante. Percebe toda a injustiça contra estes povos e cada vez mais é consciente de que o Senhor queria que estivesse junto a eles. Suas cartas o revelam: **“Pensem em nossos irmãos Apuriná cujas terras foram invadidas e retalhadas pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)... É tempo de fazer força junto à FUNAI e em Brasília para que a terra deles seja demarcada...”** **“Em nossa Prelazia nenhum grupo indígena teve sua área demarcada, apesar da lei 6001...”** **“Nossos irmãos Apuriná estão agitados, mas ainda não violentos”...** **“Hoje foram ao INCRA, mas não os deixaram entrar...”** E em outra carta da época diz: **“...aqui já estava preparado o “rebu”, por causa da castanha, com polícia vigiando nossa chegada... também fui chamada à Delegacia e o delegado ficou “bala” comigo... fui chamada ao INCRA (por atizar os índios). Tudo certo e ouviram o que achei conveniente...”**

Cleusa vivia esta tensão sem ter a quem apelar... Ao narrar atitudes do juiz, do delegado de polícia diz: **“... a injustiça anda solta por aqui...”** **“Férias agitadas e sofridas com a morte do filho do tuxaua Agostinho (Apuriná). A gente está aqui ao lado dos irmãos ÍNDIOS, despojados e desprezados... você também é chamado a apoiá-los...”** A velha tática na região, de atizar índio contra índio, facilitava o trabalho em ambição dos brancos. Também se ouvia dizer que autoridades, fazendeiros, comerciantes e donos de seringais rejeitavam a Irmã Cleusa. “Aqui se vivia tudo em paz... com a chegada da Irmã virou essa confusão”, relata um comerciante. Mais tarde a índia Cecília Apuriná desabafa: “Os policiais tinham raiva da Irmã porque ela defendia os caboclos (índios)... ele dizia que um dia iam metê bala nela...”. Para evitar maiores conflitos entre índios atizados por brancos, com orientações da Irmã Cleusa e de acordo com a FUNAI, o Tuxaua Agostinho decide mudar, com sua família, para uma área distante da cidade e ali reconstruir sua aldeia, seu povo, sem a exploração dos brancos.

Ao recomeçar sua vida com os poucos parentes, numa atitude de provocação e afronta, desobedecendo às ordens do FUNAI, alguns comerciantes entram na área de Agostinho, acompanhados de índios de outro grupo. Um mês depois contratam um índio para ir à aldeia e matar Agostinho e sua família. Não o encontrando em casa, matam a mulher e um

dos filhos... A notícia corre na cidade... Cleusa que se preparava para passar uns dias na aldeia, apressa a viagem... “Parece que houve mortes na aldeia” dizia, “eles estão precisando; eu tenho que ir lá...” e decididamente vai. Chega à aldeia ao entardecer do dia 27 de abril de 1985... Ninguém por ali... tudo deserto! Embaixo da casa duas sepulturas novas... Ela segue viagem rio acima e pernoita numa outra família onde fica sabendo dos fatos com mais detalhes. Na manhã seguinte toma a direção a Lábrea, parando em casa de Agostinho que permaneceu deserta. Cleusa faz um bilhete e deixa pendurado na casa. Agostinho que estava escondido na mata por medo de novos ataques identifica a presença da irmã pelo barulho do motor. Apresenta-se a ela, ouve suas recomendações e concorda em aguardar o retorno da Irmã que vai a Lábrea tomar as providências. Cleusa inicia a viagem rio abaixo em direção a Lábrea. Em um determinado ponto encontra com o autor dos crimes anteriores que ia subindo o rio... Ela faz um sinal como quem desejasse conversar, mas ele puxa uma arma e aponta em direção a canoa da Irmã Cleusa, que diz para o seu canoeiro: “Caia n’água meu filho, que você tem filhos para criar”... Ele o fez e de longe ouve, sem entender, conversa de Cleusa com o índio. Pouco depois escuta um tiro e o barulho do motor subindo o rio... Enquanto isso na tarde desse dia 28 e na manhã seguinte, na cidade corria a notícia: “Mataram a Irmã Cleusa...” O canoeiro de Cleusa só conseguiu chegar à cidade na tarde do dia 29 e relata os fatos a Frei Jesus Morada e a Irmã Josefina Casagrande. Iniciam-se as buscas, na esperança de encontrá-la com vida!... Somente no dia 03 de maio é que Frei Jesus Moraza – hoje bispo de Lábrea - localiza seu corpo – sem vida – acima do lugar onde houve a tentativa de diálogo. “Estava na mata, a uns 50 metros da beira do rio, de bruços, totalmente despida...” relata o frei. Circunstâncias várias impediram o recolhimento do corpo naquela tarde... No dia seguinte, depois de muitos atropelos, pelas onze horas Fr. Jesus consegue, com uma comitiva, deslocar-se para o local... recolhe o corpo e já de noite, chega à Lábrea; deixam-no no hospital para exames e depois é conduzido à Catedral e dali ao cemitério. O povo acompanha com faixas de protesto contra a FUNAI, contra os mandantes do crime, e, reconhecendo a luta de Irmã Cleusa, pergunta: “Até quando?”. Os índios que ali se encontram, acompanhando a celebração, se lamentam: “Ela era a nossa mãe... Agora quem vai cuidar de nós?...” Ao mesmo tempo em algum barzinho da cidade, alguém comemora o fato com cerveja. Os exames do cadáver revelam a brutalidade com que fora assassinada: “muitas costelas quebradas, o crânio fraturado, fraturas múltiplas na coluna vertebral, traumatismo craniano, amputação do braço direito com objeto cortante y diversas partículas de chumbo no tórax e região lombar”. No dia 05 de maio já era o sétimo dia do assassinato... A catedral amanhece ornada com a frase: “IRMÃ CLEUSA MÃE DOS POBRES E OPRIMIDOS”, confeccionada em mutirão pelos pobres de Lábrea.

O processo se instruiu em Vitória, Espírito Santo, Brasil nos anos de 1991-1993. Preparou-se a Positio para o mês de novembro de 1995 que se enviou a Comissão teológica do Brasil para que desse seu parecer.